

## O NASCIMENTO DO CEAO\*

*Agostinho da Silva*

Quando, pelos fins de 58, falava com o desembargador Henrique Fontes, o homem que, por seu claro pensar e por sua obstinada vontade, deu o impulso e a primeira guia para que houvesse em Santa Catarina ensino superior, hoje de tanto brilho e fama, disse-me ele de catarinenses que se tinham interessado pela história de Angola. Por meu lado, lamentei na conversa que, nos tempos em que estávamos, embora se tivessem feito excelentes trabalhos sobre o africano no Brasil, se soubesse tão pouco do que fora África antes e depois da chegada dos portugueses e, sobretudo, do que era a África nossa contemporânea e do que poderia ser ela no futuro, já que era a vizinha de frente do Brasil e talvez se tornasse, por conhecimento e cooperação a estabelecer, sua ótima companheira para todo o Atlântico Sul.

Pouco depois, talvez já princípios de 59, chegou a Florianópolis, a velha e, simultaneamente, adolescente Nossa Senhora do Desterro, com o propósito de visitar Eudoro de Sousa, então encarregado do setor de Língua e Cultura Grega, o grande Eduardo Lourenço que, na Federal da Bahia, ensinava Filosofia e, principalmente, filosofava e escrevia de crítica com todo o saber, toda a argúcia e toda a criatividade que se lhe conhecem. Tais elogios houve à imaginação, à iniciativa e à habilidade, digamos política, do reitor Edgar Santos, que já fora Ministro da Educação, que me veio a idéia de lhe pedir que perguntasse, de volta a Salvador, se estaria ele disposto a estudar o criar-se em sua universidade um centro de estudos africanos que seria o primeiro da América do Sul; e das outras até o México. Assim o fez, mas, ao que parece, não deu o reitor, bem ocupado com outros serviços, bastante atenção ao que se lhe propunha, fixando, porém, que havia no Sul um professor português com todo o interesse em conhecer a cidade. Generosamente veio passagem com o convite para estar uns dias pela Bahia.

\* Texto escrito em 1991, publicado em *A Tarde*, 30 abril 1994, Caderno Cultural.

Recebeu-me Edgar Santos em sua sala de trabalho em que havia a um canto a secretária de despacho e a cuja volta se enfileiravam, bem sentadas e bem tratadas de sorvete e café, todas as pessoas que precisavam de lhe falar. A intervalos se levantava o reitor e se detinha diante de um e outro que, se então necessário, à escrivanhinha levava para mais recatado encontro. Quando lhe agradei a viagem, disse-me, amavelmente, que bem a merecia eu, mas, quando lhe perguntei o que pensava da idéia do centro, hesitou um pouco, como quem nada decidira, e sugeriu-me que esperasse uns dias, que foram do melhor que me podia ter dado porque estava no mesmo hotel Casais Monteiro, o velho amigo da Faculdade do Porto. Quando voltei à fala, disse-me Edgar que sim e perguntou-me se não podia ser o centro não só de estudos africanos mas também de estudos orientais. Sabendo de Oriente ainda menos do que sabia de África, não hesitei, no entanto, em aceitar a proposta, pois que entrava eu em tal não para ensinar, mas para que outros aprendessem o que ignorava o proponente; e tudo se pode fazer com alguma ousadia, paciência, bom senso e adequada altura dos tempos.

Ignorava eu então o que se passara entre a ida de Eduardo Lourenço a Santa Catarina e a minha chegada à Bahia: viera a Salvador Roberto de Assunção, na altura embaixador do Brasil junto à Unesco, já que estava o organismo interessado em difundir para o geral o conhecimento do Oriente e se pensara que seria a universidade bom veículo quanto ao Brasil, como se já se entendesse o que poderia resultar do contato entre a nação americana de língua portuguesa e culturas como a da China ou do Japão, isto para não falar dos pontos-base de Macau e Timor; tudo de mais válido futuro do que o daquilo de que tanto se falava a respeito das ligações entre o Hemisfério do Norte e do Sul.

Nosso reitor que, profissionalmente, viera da Medicina e não se achava bastante preparado para uma resposta pronta, viu logo a solução que podia haver quando me ouviu propor-lhe Estudos Africanos: afinal, tudo se conjugara, havendo para o embaixador e para mim, por justaposição, respostas positivas. Ficou então assente que solicitaria eu licença em Santa Catarina, tanto na Faculdade de Filosofia como na Direção Geral de Cultura da Secretária de Educação do Estado de que me tinham dado o encargo e que ficaria na Bahia como instalador e diretor do centro, em trabalho que abarcasse África e Oriente, com a recomendação de que, não parecendo haver do Conselho Universitário grande interesse pelo centro, não saísse muito do subterrâneo em que ele funcionaria e recebesse vencimentos, não pelo cargo mas por cadeira que pudesse ensinar; como não

havia nenhuma adequada, propus eu, e o aceitaram o reitor e a Escola de Teatro, recentemente fundada, que nela se introduzisse o que iria inventando e que se chamaria Filosofia do dito Teatro.

Assim se fez, nada ensinando eu de África porque a não sabia nem convinha inventá-la, mas começando biblioteca, organizando exposições, por exemplo a de arte do Japão, e oferecendo bolsas a quem estivesse disposto a ir a África para África aprender. O primeiro a obter uma, e com todo o interesse de Pierre Verger, ele bom conhecedor do ocidente africano, foi o Dr. Vivaldo Costa Lima, que desistira de seu consultório médico-odontológico, comigo se encontrara, numa noite de culto, no candomblé de Olga Alaketu, e que voltou perito em África que, com tanta profundidade, tão compreensiva disposição humana, tanto talento, estudou no Benin, na Nigéria, no Gana; depois houve a viagem dos professores Yeda e Guilherme de Sousa Castro que, por circunstâncias de política brasileira, tão difíceis momentos corajosamente afrontaram nos lugares de trabalho; por fim, com os mesmos resultados, a ida do professor Júlio Santana Braga. E, no próprio Centro, se abriram, com professores dos países das línguas, cursos de iorubá, o que franqueou a Universidade aos africanos, quase todos bem humildes, de Salvador, de hebreu e de árabe, se preparando as bases para que houvesse o de japonês. Tudo foi correndo sem qualquer esforço especial da minha parte: era só como que deixar que a vida viesse e estabelecesse o que desejava.

Por esta altura, já de 60 para 61, houve as eleições para a Presidência da República, as últimas que se fizeram em plena liberdade até a recente de 89, sendo um dos candidatos Jânio Quadros, mas tendo eu votado pelo outro, Teixeira Lott, por me parecer que, com ele, iria o Brasil por mais tranquilos caminhos de paz interna. Quem porém, foi eleito, com absoluta e impressionante maioria foi Jânio, e logo disse ao reitor da conveniência que haveria em contatar o Presidente e lhe falar do trabalho do Centro. Estou, no entanto, em crer que o reitor também votara pelo vencido, o que afinal haveria de lhe custar o cargo, e não houve de sua parte nenhum interesse pela proposta.

Tomei então a liberdade de telegrafar para o Palácio do Planalto, logo que houve a posse, e pedir audiência, que me foi concedida e em que se teve perfeita e contínua colaboração durante os seis meses que durou a Presidência e em que se estabeleceu, pela abertura de embaixadas em África, pelo tratado com o Senegal, que ajudei a redigir, e pela vinda, com bolsas, de estudantes africanos que frequentariam os cursos superiores que escolhessem e os completariam na Bahia, no Recife, no Rio ou em São Paulo com, logo no

primeiro ano, cinqüenta bolseiros, o início da colaboração que depois se foi firmando e ajudará, um dia, a que um conjunto jurídico dos países da língua comum contribua para maior humanização do resto do mundo. E em tudo isto, quero repetir, andava eu mais como espectador do que como autor ou ator da peça; até com inesperadas companhias de autores e atores como, por exemplo, quando veio fixar-se em Salvador, com um excelente grupo de americanos, o professor Machado da Rosa, então, ao que creio, ainda em Wisconsin.

Um belo dia passou o centro de seu subterrâneo para um palacete em que ainda hoje funciona sob a direção de Yeda Castro, porquanto, solidário com o reitor, que não foi reeleito, passei eu a Santa Catarina, ao Rio, na Direção Geral de Ensino Superior e, por fim, a Brasília, a ajudar na Universidade que, com Darcy Ribeiro e Ciro dos Anjos, fundara Juscelino Kubitschek.

Poderia eu agora dizer que tudo resultou de coincidências e acasos, que são as palavras com que mascaramos nossa ignorância da fundamental mecânica ou criatividade do Universo, situação esta em que, por não haver matemática que nos ajude, mais valerá talvez boiar do que nadar, desde que ponhamos nossa disciplina da atenção nos recortes da costa, no ritmo das marés, no rumo dos ventos.